

A noção de aspectualização em Semiótica

RICARDO LOPES LEITE
rleite@ufc.br

Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, Brasil (2007)
Professor da Universidade Federal do Ceará, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0231-5308>

GABRIELA ZAUPA
gabizaupa@gmail.com

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, Brasil
Bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, Brasil) (nº do processo: 88887.837747/2023-00)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8416-6475>

PALAVRAS-CHAVE:
Aspecto;
Aspectualização;
Tensividade;
Semiótica.

ARTIGO RECEBIDO A:
01/07/2025
ARTIGO APROVADO A:
13/11/2025

RESUMO: Este artigo promove uma reflexão acerca da noção de aspectualização no âmbito da Semiótica Discursiva e de alguns de seus desenvolvimentos. Entendido tradicionalmente como uma categoria gramatical vinculada ao verbo e, mais restritamente, à noção de tempo, o aspecto foi ganhando, paulatinamente, um estatuto discursivo nos estudos semióticos, ultrapassando o domínio da expressão gramatical do processo verbal para se tornar um mecanismo geral de discursivização. Inicialmente, apresenta-se brevemente a definição linguística de aspecto e sua flutuante caracterização gramatical. Em seguida, examina-se o alargamento da noção de aspecto para a concepção de aspectualização no modelo clássico da semiótica erigida por Algirdas Julien Greimas e seguidores. Por último, discute-se a aspectualização no quadro teórico da Semiótica Tensiva, de Claude Zilberberg, em que essa noção é compreendida como um fenômeno de ordem gradual, que possibilita o tratamento analítico da dimensão sensível e afetiva dos discursos.



The Notion of Aspectualization in Semiotics

RICARDO LOPES LEITE
rleite@ufc.br

PhD in Linguistics from the Universidade Federal do Ceará, Brazil (2007)
Professor at the Universidade Federal do Ceará, Brazil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0231-530>

GABRIELA ZAUPA
gabizaupa@gmail.com

PhD Candidate in Linguistics at the Universidade Federal do Ceará, Brazil
Scholarship Holder, Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel,
Brazil (Process No. 88887.837747/2023-00)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8416-6475>

KEYWORDS:

Aspect;
Aspectualization;
Tensivity;
Semiotics.

ARTICLE RECEIVED ON:
01/07/2025

ARTICLE ACCEPTED ON:
11/13/2025

ABSTRACT: This article reflects on the notion of aspectualization within the framework of Discursive Semiotics and some of its developments. Traditionally understood as a grammatical category linked to the verb and, more specifically, to the notion of time, aspect has gradually acquired a discursive status in semiotic studies, going beyond the domain of the grammatical expression of the verbal process to become a general mechanism of discursivization. Initially, the linguistic definition of aspect and its fluctuating grammatical characterization are briefly outlined. Next, the expansion of the notion of aspect into the concept of aspectualization is examined within the classic model of semiotics developed by Algirdas Julien Greimas and his followers. Finally, aspectualization is discussed within the theoretical framework of Tensive Semiotics, as proposed by Claude Zilberberg, in which this notion is understood as a gradual phenomenon that enables the analytical treatment of the sensitive and affective dimensions of discourse.



INTRODUÇÃO

Nos domínios da Semiótica Discursiva, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas e seus seguidores, a aspectualização é uma noção complexa que resiste a uma definição rigorosa, assim como a um tratamento teórico uniforme nas diferentes abordagens sobre o assunto. A problemática começa pela flutuação terminológica entre os termos aspecto, aspectualidade e aspectualização que, em muitos trabalhos, mantêm entre si uma relação de sinonímia difícil de ser determinada com precisão.

Essa flutuação decorre principalmente da vinculação direta da noção de aspectualização e de aspectualidade à categoria gramatical de aspecto, que diz respeito ao modo como se expressa temporalmente o processo verbal. Por esse motivo, temos semioticistas que não dissociam a aspectualização e a aspectualidade de suas relações com o tempo, enquanto outros assumem a posição de que a aspectualização seria um fenômeno discursivo mais amplo que pode incidir não somente sobre a temporalização, mas também sobre a dimensão espacial e actorial do discurso¹.

1. Sobre essas posições divergentes, sugerimos conferir a obra *Le discours aspectualisé*, organizada por Fontanille (1991).

A despeito dessa problemática, o fato é que a semiótica ampliou o alcance da noção de aspecto para além da análise propriamente gramatical, a fim de garantir sua aplicação à dimensão do discurso. É nesse sentido, principalmente, que a noção de aspectualização se sobressai em relação à de aspecto nos estudos semióticos.

Em um primeiro momento, a aspectualização foi concebida na semiótica como um procedimento enunciativo relacionado à instalação de pontos de vista no enunciado, decorrente da presença de um observador, que assume os eventos como processos que recaem não só sobre o tempo, mas também sobre o espaço e a pessoa do discurso (Greimas & Courtés, 2020 [1979], p. 39).

Com as formulações de Claude Zilberberg (1981; 2011[2006]) sobre a tensividade, a aspectualização ganhou novos contornos, na medida em que o discurso passou a ser concebido como um campo de presença aspectualizável, cujas grandezas são avaliadas em termos de graus, mais do que de oposições. O autor concebe um conjunto de categorias aspectuais intervalares que não privilegiam o verbo e nem se restringem ao aspecto acabado e inacabado do processo, que passa a ser compreendido como um devir ascendente ou descendente, analisado por aumentos e diminuições.

Sem pretensões de exaustividade, este artigo promove uma reflexão acerca da noção de aspectualização no âmbito da Semiótica Discursiva e de alguns de seus desenvolvimentos. A ideia central é examinar o alargamento da noção de aspecto para a concepção de aspectualização na abordagem semiótica, para, em seguida, discutir a aspectualização no quadro teórico da Semiótica Tensiva, de Claude Zilberberg, em que essa noção é compreendida como um fenômeno de ordem gradual, que possibilita o tratamento analítico da dimensão sensível, afetiva dos discursos.

1. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ABORDAGEM LINGÜÍSTICA DO ASPECTO

Em seu *Dicionário de Linguística e Gramática*, Câmara Jr. (2007, p. 71) assim define o aspecto:

Propriedade que tem uma forma verbal de designar a DURAÇÃO do processo (momentâneo ou durativo) ou o aspecto propriamente dito sob que ele é considerado pelo falante (ex: em seu começo-incoativo; em seu curso e ainda inconcluso -imperfeito; em seu fim já concluso - perfeito; concluso mas permanente em seus efeitos- permansivo). O aspecto coexiste ao lado da categoria de tempo, constituindo com esta um sistema complexo de categorias verbais em que, conforme a língua, predomina o aspecto ou o tempo.

Tradicionalmente, a expressão gramatical do aspecto se dá por meio da flexão verbal², como, por exemplo, no caso do aspecto pontual do pretérito perfeito (*Fiz a tarefa*), em oposi-

2. Este comentário se aplica ao que observamos predominantemente em línguas latinas como o português e em outras línguas indo-europeias.

ção à duratividade e à inconclusividade do imperfeito (*ele andava pelo bosque*). Mas também pode ser marcado por perífrases verbais, como é o caso da conjugação perifrástica expressa pelo verbo auxiliar estar conjugado com um gerúndio, expressando o aspecto durativo em qualquer tempo (*estou falando, estava falando, estarei falando*).

Câmara Jr (2007), entretanto, acrescenta que o aspecto também pode ser expresso lexicalmente em português por sufixos derivacionais, como *-ecer*, para expressar o aspecto incoativo (*começar a ficar tarde*), assim como por alguns semantemas que possuem marca de aspecto, como os verbos Partir (*incoativo*) e chegar (*conclusivo*). Nesses casos, rigorosamente falando, o aspecto estaria fora da estruturação gramatical.

Ao que parece, em muitos casos, estamos diante de uma concepção mais semântica do que morfológica. Por essa razão, Soares (1987, p. 18), afirma que “a aspectualidade é um campo semântico amplo de noções ligadas por traços comuns referentes à maneira de ser da ação”, separando assim aspecto de aspectualidade. Para a autora o aspecto diz respeito apenas às noções que recebem uma marcação gramatical, seja flexional, seja por meio de perífrases verbais estáveis e com significado aspectual constante. Noções relacionadas ao léxico, como aquelas que são expressas pelo radical do verbo ou por derivação sufixal, são próprias do modo da ação. A distinção é necessária para a autora, pois o aspecto é uma categoria gramatical, enquanto o modo da ação é uma categoria semântica, pertencente ao léxico.

Castilho (1968), por sua vez, compreende o aspecto como uma categoria de natureza léxico-sintática, pois em sua caracterização interagem desde o sentido que a raiz do verbo contém até alguns elementos sintáticos, tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional. Para o autor, as categorias verbais de tempo e de aspecto precisam ser separadas uma da outra.

O tempo seria “subjetivo”, na medida em que é uma categoria de natureza dêitica, que localiza a situação num dado momento, servindo-se do falante como ponto de referência, assim como do momento em que se desenrola outro processo e do momento em que idealmente se situa o falante. O aspecto, por outro lado, seria objetivo, pois corresponde à relação entre uma determinada situação e a ideia de duração ou desenvolvimento, de modo que seja possível visualizar a representação espacial dessa situação.

Por conseguinte, se a ação verbal indicar uma duração, temos o aspecto imperfectivo; se for uma ação cumprida, temos o perfectivo; se for repetida, o aspecto iterativo e, se não for nada disso, temos o chamado aspecto indeterminado. Na mesma linha de Castilho (1968), Travaglia (1985, p. 53) compreende o aspecto como uma categoria verbal “não-dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação”.

Castilho (1968) atribui ainda uma classificação semântica para determinar o aspecto, dividindo os verbos em *télicos* e *atélicos*. Os primeiros descrevem situações que tendem a um fim, como, por exemplo, o verbo *encontrar*. Já os segundos descrevem situações que não tendem a um fim necessário, como é o caso dos verbos *trabalhar* e *escrever*.

Como se pode notar, o autor parece relativizar o caráter decisivo da flexão temporal dos verbos na expressão do aspecto. Por exemplo, na oração *O balão caía lentamente* o pretérito imperfeito e o adjunto adverbial são decisivos na expressão do aspecto, visto que alteram o valor pontual do verbo. No entanto, em *João caminhava na rua*, a marca flexional do pretérito imperfeito, que expressa o aspecto imperfectivo, não altera o valor de duração intrínseco à semântica do verbo *caminhar*.

Enfim, apesar dos esforços de vários autores, o aspecto é um fenômeno gramatical complexo e de difícil sistematização. A quantidade de fatores envolvidos na sua expressão e a multiplicação de traços aspectuais ou de tipos de aspecto, pulverizam o fenômeno dificultando sua descrição linguística coerente e rigorosa.

2. DO ASPECTO À ASPECTUALIZAÇÃO NA SEMIÓTICA DISCURSIVA

Atentos à problemática linguística do aspecto, Greimas e Courtés (2020 [1979], pp. 39-40) observam, no verbete *Aspectualização* do dicionário de semiótica, que uma “teoria dos aspectos está longe de achar-se elaborada: é, portanto, inútil propor, presentemente, um ‘sistema aspectual’ desprovido de alcance geral”. Diante dessa constatação, os autores situam a problemática no quadro do Percurso Gerativo da Significação, mais especificamente no nível discursivo, preferindo abordá-la em termos de aspectualização, mais do que de aspecto.

Segundo esses autores, a aspectualização pode ser definida como “a disposição, no momento da discursivização, de um dispositivo de categorias aspectuais mediante as quais se revela a presença implícita de um actante observador.” (Greimas & Courtés, 2020, p. 39). Trata-se de um fenômeno discursivo geral que pode incidir e caracterizar as três operações basilares da enunciação: a actorialização, a espacialização e a temporalização. Todavia, somente a aspectualização temporal conta com explorações teóricas mais desenvolvidas.

É importante frisar que Greimas e Courtés (2020) distinguem efeitos de sentido de temporalidade dos de aspectualidade. Enquanto a temporalidade diz respeito à projeção no enunciado de um conjunto de categorias temporais que, dependendo da instância da enunciação, organiza uma configuração temporal “topológica”, a aspectualidade é resultado do investimento de categorias aspectuais que convertem os predicados dos enunciados narrativos em processo.

Gomes (2011) também acentua a distinção entre aspectualização e temporalização, actorialização e espacialização, pois a aspectualização considera a enunciação e as coordenadas de tempo, pessoa e espaço como um processo em curso, que independe das formas dêiticas da enunciação. Diante disso, “o tempo pode ser apreendido em sua duração, o espaço em sua trajetória e o sujeito em seu processo gradual de transformação, sendo que o observador pode se posicionar em qualquer ponto desse contínuo” (Gomes, 2011, p. 39).

Em outros termos, postula-se um actante observador para quem a ação de um sujeito instalado no enunciado aparece como uma “marcha”, um “desenvolvimento”. Desse modo, em uma configuração discursiva, haverá aspectualização em um enunciado, seja ele uma frase, uma sequência textual ou um discurso, quando o enunciador assume no discurso, por meio de uma dupla *debreagem*³, tanto a função de sujeito de uma ação, como também a de “sujeito cognitivo que observa e decompõe esse fazer, transformando-o em processo [caracterizado então pelos semas duratividade ou puntualidade, perfectividade e imperfectividade (acabado/inacabado), incoatividade ou terminatividade]” (Greimas & Courtés, 2020, pp. 39-40).

O observador aparece, então, como elemento central para a aspectualização, como um mecanismo enunciativo capaz de agenciar e simular o deslocamento do leitor para um lugar ou posição enunciativa de onde possa perceber determinados modos de apresentação ou perspectivas dos objetos visados no texto (Leite & Saraiva, 2009, pp. 134-135).

Bertrand (2003) adverte que seu aparecimento depende da discursivização textual; pode tanto ser induzido pela disposição dos objetos no texto quanto explicitado por meio de predicados da percepção (perceber, ver, envolver com o olhar, explorar, examinar etc.). Segundo o autor, todo enunciado se constrói a partir de um *ponto de vista*, definível como “o conjunto de

3. Em linhas gerais, a *debreagem* é um mecanismo da enunciação que projeta as categorias de pessoa, tempo e espaço no enunciado. A *debreagem* do tipo enunciativa projeta no discurso a presença do sujeito da enunciação (eu, aqui, agora), enquanto a *debreagem* enunciativa projeta elementos do discurso (ele, lá, então), criando diferentes efeitos de sentido, como os de subjetividade (enunciativa) e objetividade (enunciaiva).

operações que o enunciador efetua para orientar e estruturar seu enunciado” e que “engloba, ao mesmo tempo, o modo de presença do enunciador em seu discurso e a maneira pela qual ele dispõe, organiza e orienta seus conteúdos” (Bertrand, 2003, p. 113).

Diante disso, o enunciador pode manipular o enunciatário, elegendo um determinado ponto de vista, e simulá-lo no discurso como sendo a sua própria posição de enunciação, ou ainda, construir um único lugar de observação em que enunciador e enunciatário se encontrem sincretizados, como, por exemplo, na aparente objetividade do discurso científico (Leite & Saraiva, 2009, pp. 134-135).

Em *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II*⁴ (Greimas & Courtés, 1986), Françoise Bastide propõe complementar a definição apresentada no primeiro volume do *Dictionnaire*, sugerindo que o actante observador da aspectualização opera como uma escala antropomórfica que avalia o tempo, o espaço e a qualidade da ação realizada nos discursos. Bastide (1986) retoma as noções de incoativo e terminativo como limites mais abrangente de início e fim, mas amplia a análise ao introduzir elementos mais subjetivos a essa avaliação: o tempo pode ser percebido simultaneamente de forma quantitativa e objetiva, mensurado por métricas como dias e horas, mas também qualitativa e subjetivamente, como algo demorado ou rápido.

Do mesmo modo, o espaço pode ser analisado pela distância entre dois pontos, registrando a saída de um lugar a outro como incoativa e a chegada a um lugar como terminativa, mas também poderá ser visto quanto à acessibilidade ou inacessibilidade tátil ou visual de um objeto frente a um sujeito, por exemplo, resultando respectivamente em incoativos ou terminativos.

Por fim, Bastide (1986) defende também uma aspectualização actorial, que se manifesta na qualificação de ações realizadas pelos sujeitos:

4. O segundo volume do *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1986), embora organizado por Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés, apresenta verbetes escritos por diversos autores colaboradores. As entradas refletem diferentes abordagens e posições teóricas, umas mais consolidadas teoricamente que outras, e que não são necessariamente unânimes entre si.

A actorialização pode ser acompanhada de aspectualização se, por exemplo, os autores do enunciado modificam a sua forma de realizar uma performance ou, por outras palavras, se, sem que sua competência seja posta em causa, eles “aperfeiçoam” ou “amadurecem”, realizando facilmente o que faziam com dificuldade antes, por exemplo. Podemos falar também de aspectualização actorial se o discurso estabelece uma comparação entre dois atores que realizam a mesma performance, qualificando de maneira diferente o modo como agem; esta comparação pode permanecer implícita, constituindo então o observador actante o termo de comparação⁵ (Bastide, 1986, p. 20).

No livro *Semiótica das paixões*, Greimas e Fontanille (1993 [1991]) desenvolvem uma abordagem diferente para a observação da ação realizada por um ator discursivo e sua qualificação, analisando-a por meio de uma configuração modal dos estados de alma dos sujeitos discursivos. Os autores argumentam que, até então, a atenção estava voltada para o estado de coisas, ou seja, as transformações decorrentes da ação e seus resultados, mas era necessário também pensar em uma dimensão tensivo-fórica capaz de motivar as ações e transformações realizadas pelos sujeitos.

Desta forma, uma performance, a maneira de realizar uma ação, seria analisada através de uma combinação entre as modalidades básicas (querer, dever, saber e poder), observando os efeitos de sentido gerados no estado de alma do sujeito discursivo a partir das compatibilidades e incompatibilidades presentes em suas qualificações modais. Estas modalidades incidem sobre o *ser* e o *fazer* o sujeito, demonstrando seu modo de existir e suas competências actanciais no discurso.

Assim, um sujeito modalizado ao mesmo tempo por um *poder-ser* frente a um *querer-não-ser* sofre um conflito inicial que pode, ademais, ser qualificado por uma aspectualização, uma temporalização e uma modulação tensiva. Fiorin (2007, p. 11) exemplifica que o *medo* é aspectualmente *não começado* e temporalmente voltado ao futuro, enquanto o *remorso* é terminativo e voltado ao passado. Além disso, em termos tensivos:

5. No original: “L’actorialisation peut s’accompagner d’une aspectualisation si, par exemple, les acteurs de l’énoncé modifient leur façon de réaliser une performance ou, en d’autres termes, si, sans que leur compétence soit remise en cause, ils se « perfectionnent » ou « mûrissent », faisant aisément ce qu’ils faisaient difficilement auparavant, par exemple. On peut aussi parler d’aspectualisation actorielle si le discours procède à une comparaison entre deux acteurs réalisant la même performance, en qualifiant différemment leur manière de faire; cette comparaison peut rester implicite, l’actant observateur constituant alors le terme de comparaison” (Greimas & Courtés, 1986, p. 20).

há estados patêmicos intensos, como o *furor*, e extensos, como o *enfado*: aqueles parecem ter objeto bem definido, como acontece com a tristeza, a *felicidade*, a *indignação*; estes têm um campo de referência que parece incluir tudo, como no *sentimento de culpa*, na *melancolia*, na *apatia*) (Fiorin, 2007. p. 11).

Inserida na configuração modal da paixão, a aspectualização reaparece como estado flagrado do processo temporal em sua tríade de incoatividade, duratividade e terminatividade. Porém é importante reconhecer que, em *Semiótica das paixões*, os autores também definem a aspectualidade como “a forma primeira do discurso, seu ritmo, sua dinâmica e, enquanto tal, encarna em discurso as tensões que se delineiam no horizonte ôntico” (Greimas & Fontanille, 1993 [1991], p. 73), conectando sua noção à de modulações do *devoir* enquanto direcionamento evolutivo e contínuo do discurso. A aspectualização, portanto, seria responsável pela transformação do descontínuo das sequências discursivas discretas no contínuo da foria, essa energia que subjaz às paixões.

Tal concepção abrangente da aspectualização, como força organizadora de todo o texto/discurso, começa a despontar ainda em escritos de Zilberberg (1986, 1991), anteriores ao *Semiótica das Paixões*, que desenvolve toda a sua teoria tomando a aspectualidade como força motriz.

3. A ASPECTUALIZAÇÃO NA SEMIÓTICA TENSIVA

No já citado *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II*, de 1986, Claude Zilberberg inicia um debate que se estenderá por outros de seus textos, destacando a importância da aspectualização na regulação de todo o discurso. O autor concebe o aspecto como um fenômeno que pode ser analisado em dois níveis, um chamado de “Aspectal”, pressuposto, e outro denominado de “Aspectivo”, pressuponente. Da mesma forma que Zilberberg desdobra a figuratividade em um nível “figural” e outro “figurativo”, o aspecto também passa a ser uma função que man-

têm relação com seus dois funtivos, um funtivo mais superficial e manifestante de outro mais abstrato, profundo e manifestado.

Nessa organização do aspecto, o nível Aspectivo se relaciona com um sistema aspectual definido pela descrição das fases do processo, como já se vinha abordando linguisticamente, por exemplo, na aspectualização temporal. Já o nível Aspectal trata a aspectualização como uma “categoria semântica fundamental”, descrita por operações de segmentação e demarcação, que seriam da ordem da gradualidade, do contínuo e não do descontínuo.

Em desenvolvimento posterior, Zilberberg (1991) considera que o aspecto pode ser entendido a partir de três “funções” divididas em funtivos binários: a consistência, a universalidade e a generalidade, que vão do mais superficial ao mais abstrato.

Em termos de consistência, vê-se que o aspecto foi historicamente entendido no contraste entre o *perfectivo* e o *imperfectivo*. Quanto à universalidade, buscar-se-ia uma “desverbalização” do conceito, visando a imperfectividade como um grau e a perfectividade como um *limite*. Já a generalidade diria respeito aos processos de *demarcação* que gera os limites e de *segmentação* que resulta em graus. Como explica o autor:

O modelo para nós é a distinção hjelmsleviana entre extenso/intenso, que, no plano do conteúdo, diz respeito aos elementos verbais e nominais e, no plano da expressão, à distinção entre modulações e acentos. Basta mencioná-la para perceber imediatamente que a tríade *incoatividade/duratividade/terminatividade* remete à segmentação, enquanto o par *perfectividade/imperfectividade* remete à demarcação e que, até certo ponto, as definições funcionais desses traços aspectuais são heterogêneas (Zilberberg, 1991, p. 87).

Com base nessas três conceituações, o teórico introduz a distinção entre informação e orientação. Sua proposta consiste em apreender unidades informações discretas do discurso e analisá-las como fluxos contínuos de sentido, demarcadas em limites extremos e segmentadas

em graus menores, observando as orientações que o discurso oferece no comércio valorativo entre cada um dos elementos de um contínuo.

Ao se deslocar do nível da “consistência” para o nível da “generalidade”, por meio de operações de pressuposição, é possível alcançar sentidos figurados presentes no nível pressuposto, quando um determinado grau é eleito como modelo predicativo. O autor exemplifica que o termo “morno” adquire sentido figurativo caso seja interpretado como um grau intermediário de uma escala delimitada entre frio e quente, desde que algum elemento dessa escala (graus ou limites) for destacado pelo discurso com algum valor específico: positivo, negativo ou neutro.

Se em dada sequência “quente” estiver selecionado como predicativo modelo e positivo, “morno” recebe sentido de insuficiência, aparecendo como “menor” em direção ascendente:

A orientação, a partir da posição considerada positiva, produz avaliações segundo a insuficiência, a suficiência ou exatidão, e o excesso; é nessas condições que o “morno” foi marcado como “insuficiente”. O objetivo, agora, é valorativo e produz, por assim dizer, tensões a serem resolvidas: faltas a serem supridas e, correlativamente, excessos a serem reduzidos. Mas isso é justamente marcar o vínculo entre essa aspectualidade figural – isto é, constitutiva das figuras (hjlemslevianas) – e a problemática permanente da predicação (Zilberberg, 1991, p. 94).

Todo e qualquer elemento discursivo, assim relacionado, pode indicar determinados valores aspectuais tensivos que direcionam este mesmo discurso, e que podem ser qualificados pelo que o próprio discurso sugere ser a métrica balizadora e a partir da qual se capta uma direção ora ascendente ora descendente. Esta, por sua vez, revelará um aumento ou uma diminuição de traços positivos ou negativos. Ao mesmo tempo, se um elemento de determinada sequência anteriormente considerado como limite passar a funcionar como grau, teremos algo valorado como excesso.

Zilberberg (1991), então, começa a propor a valoração do discurso a partir da aspectualização ao mesmo tempo que defende a relevância do contínuo e do descontínuo na significação:

Um universo discursivo que só conhecesse a demarcação estaria sujeito ao confronto dos contrários, à antonímia, na mesma medida em que um universo discursivo que só admitisse a segmentação estaria condenado à sinonímia, à indiferença, à vertigem da neutralidade (Zilberberg, 1991, p. 97).

Por fim, neste artigo, Zilberberg (1991) defende que o aspecto e o tempo podem ser vistos juntos ou separados, a depender de como você os analise. Diferente do que normalmente se postula, para ele “o aspecto não depende do tempo, mas do andamento que cifra o tempo e as distinções aspectuais” (Zilberberg, 1991, p. 101). Frente ao andamento, o aspecto perfectivo é rápido e significa ao enunciatário um “não haver tempo a perder”, enquanto o aspecto imperfectivo tem andamento lento, duradouro, suspendendo o tempo. A perfectividade seria equivalente a uma demarcação sem segmentação, a algo pontual e indivisível, enquanto a imperfectividade diria respeito à segmentação sem demarcação, ao durativo divisível.

Em *Tensão e significação*, Fontanille e Zilberberg (2001 [1998]) trazem novamente a temática da aspectualização à tona, ligando-a tanto ao devir quanto às modalizações, retomando as discussões postas no *Semiótica das paixões*. Mas será em seu livro *Elementos de semiótica tensiva* que Zilberberg (2011 [2006]) estabelecerá a aspectualização como base de toda a sua teoria. Já em sua introdução, o autor define o aspecto “figuralmente”, na mesma deiscência comentada anteriormente entre figural e figurativo, como a “análise do *devir ascendente ou descendente de uma intensidade*, fornecendo, aos olhos do observador atento, certos *mais e menos*” (Zilberberg, 2011 [2006], pp. 16-17, grifo do autor).

O aspecto deixa, para Zilberberg (2011 [2006]), de restringir-se ao verbo para dar conta de todo o devir discursivo, distanciando-se da linguística em favor da retórica, ultrapassando a frase em nome do discurso. As categorias aspectuais tensivas são, portanto, gerais e propõe-se aplicáveis a toda e qualquer grandeza discursiva, “já que nenhuma grandeza pode ter a pretensão de escapar ao devir” (Zilberberg, 2011 [2006], p. 82).

Zilberberg (2011 [2006]), seguindo o que já estava proposto antes, desenvolve uma concepção de tensividade, função que se divide nos funtivos intensidade e extensidade, em que o primeiro rege o segundo. Segundo o autor:

O espaço tensivo é, desde o início, complexo, pois que está baseado na dependência da extensidade para com a intensidade, e dos estados de coisas com relação aos estados de alma. Em nosso ponto de vista, o conceito de dependência pede o concurso de duas categorias auxiliares, o intervalo e a assimetria. O intervalo, porque um paradigma, ao contrário do que se costuma repetir, não opõe, mas avalia, desfia, *gradua*, visto que só pede uma coisa: que o termo seguinte vá além do anterior, de uma maneira ou de outra, positiva ou negativamente. Admitida essa exigência, ela reclama uma tipologia sistemática dos intervalos significativos elementares [...]; nesse particular, o ponto de vista tensivo deve muito à aspectualidade (Zilberberg, 2011 [2006], p. 39).

A foria, que mencionamos anteriormente como parte da teoria das paixões, já havia sido trabalhada pelo autor desde 1981, em seu *Essai sur les modalités tensives*. Nele, o autor explica como a divisão da foria em euforia e disforia, presentes já no Percorso Gerativo do Sentido em seu nível profundo, é vista estruturalmente como junção e disjunção, mas pode também ser vista como sinônimo de tensividade, categorizável no par distensão e tensão.

Em *Elementos de semiótica tensiva*, o conceito ganha mais força: o enunciado oferece pistas que mostram como essa energia organizou o discurso, com seus acentos de sentido distribuídos por entre as grandezas nele presentes. Esta foria seria captável a partir das dimensões

da intensidade e da extensidade, a primeira em termos de medida e a segunda em termos de número. Podemos ver também aqui os ecos dos desenvolvimentos anteriores zilberbeguianos: a extensidade teria como característica mais prototípica a divisibilidade e diz respeito à dimensão inteligível do discurso, enquanto a intensidade seria mais pontual, mais indivisível, e se refere à dimensão sensível, afetiva do discurso.

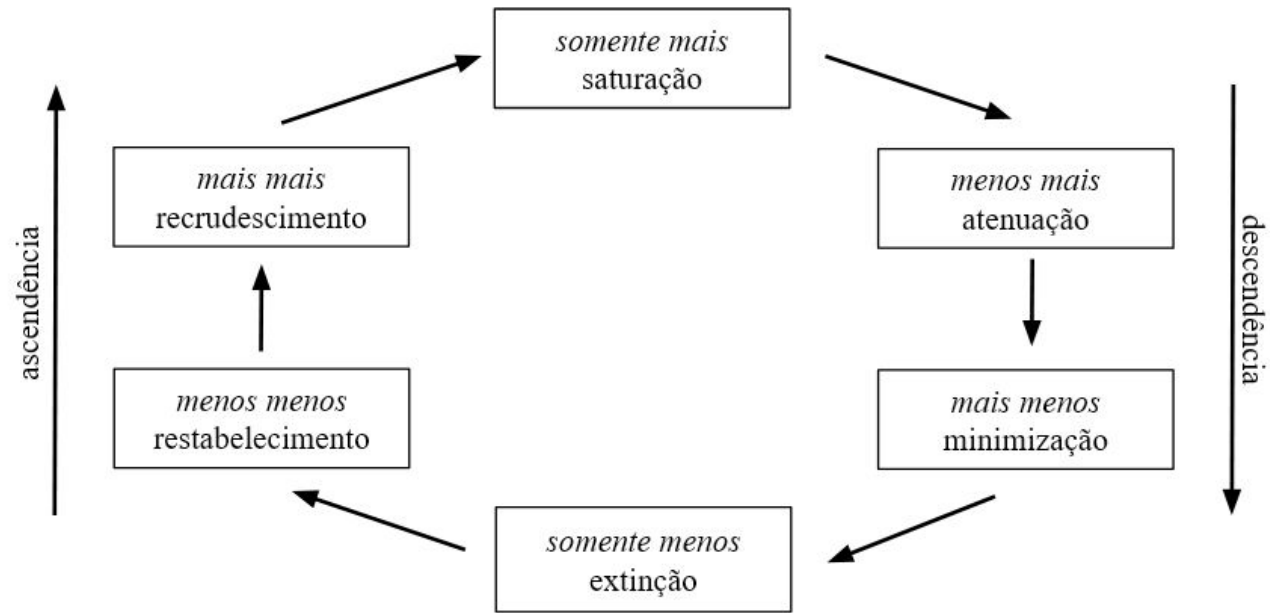
Faz-se uma teoria semiótica na qual o discurso constitui um espaço tensivo centrado em um sujeito, entendido como observador, que regula as entradas, saídas e movimentos das grandezas desse espaço por meio da percepção e da ação. As informações dispostas pelo discurso são então aspectualizáveis em células tensivas expressas pelo jogo de articulação entre *mais e menos*.

Teríamos assim uma espécie de “sintaxe intensiva”, que responderia pela aspectualização do discurso. Tatit (2019) explica esses *mais e menos* de sentido como “incrementos”, anteriormente também já chamados por Zilberberg como “sílabas tensivas”. A combinação destas partículas produz (ou traduz) “acréscimos e decréscimos de conteúdo”, assim, ao adicionar um *mais* a outro *mais*, teremos uma grandeza recrudescida. Voltando ao exemplo de uma sequência entre quente e frio, em que quente está como parâmetro “exato”, haveria um recrudescimento ao partir-se para o *escaldante*, uma saturação se fôssemos para o *incandescente*. Da mesma forma, o *morno* seria atenuar o *quente*, e o *frio* seria minimizá-lo. É por isso que Zilberberg pensa as grandezas semióticas mais como vetores, direções, do que como processos.

Tatit (2019) traduz em um encadeamento visual o funcionamento dessas categorias aspectuais:

Figura 1- Direções tensivas

Fonte: Tatit (2019, p. 109)



As categorias aspectuais são, para Zilberberg (2011 [2006]), estes movimentos das grandezas, que podem ser ascendentes (aparecendo como restabelecimento e recrudescimento) ou descendentes (vistos enquanto minimização e atenuação). É assim que “as categorias aspectuais garantem o funcionamento do sistema” (Zilberberg, 2011 [2006], p. 84).

Todos estes movimentos, reiteramos, não são definidos a priori, mas dentro do discurso analisado, que estabelece seus parâmetros de exatidão, excesso e insuficiência. Já que nessa sintaxe, os termos que valoram estas categorias aspectuais podem variar a depender do uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a noção tradicional de aspecto ganhou novos contornos na semiótica, sobretudo no quadro teórico da semiótica tensiva, ampliando seu alcance para uma aspectualização geral do discurso. Enquanto a maioria dos semioticistas que se dedicam ao tema fornece uma descrição aspectual discreta dos processos discursivos, permanecendo na zona aspectiva do aspecto, Zilberberg (1981, 1986, 1991, 2011) propõe uma zona aspectal, que opera apenas com limites e limiares, graduados pelos *mais* e pelos *menos*.

Mas, não nos enganemos. Leite (2019, pp. 29-34) defende que “os *mais* e os *menos*, antes de serem células tensivas mínimas, são uma oposição que serve para graduar”, visto que “a graduação é resultado da aplicação de outra operação de diferença, ou seja, do acréscimo de outro *mais* ou de outro *menos*, que resultam em unidades diferenciais complexas (*mais do mais*, *menos do mais*, *menos do menos* etc.)”. Segundo o autor, é razoável supor que, do ponto de vista tensivo, a aspectualização pode ser concebida como uma “descontinuição do descontínuo”, em que unidades graduais surgem pela aplicação de uma diferença de outro nível, pois não estamos lidando com a aplicação do gradual sobre a oposição, mas de uma graduação da diferença por outra diferença. Trata-se, na verdade, de uma “aspectualização da diferença”. Esse parece ser o legítimo lugar da aspectualização na hipótese tensiva.

O ponto mais interessante da teorização de Zilberberg (1981, 1986, 1991, 2011) acerca da aspectualização, portanto, não é somente o deslocamento analítico de um sistema aspectual discreto, que entende o processo como sendo composto de fases descontínuas, para uma descrição aspectual contínua, gradual, fundada sobre limites e limiares, capaz de caracterizar e descrever os fatos semióticos, discursivos, de maneira mais sensível, mais afetiva. O que há de

admirável na proposta de Zilberberg (1981, 1986, 1991, 2011) é a possibilidade de se operar com categorias aspectuais discretas, tensionando-as com uma sintaxe de aumentos e diminuições que, apenas aparentemente, seriam elementos de natureza gradual.

Essa discussão, no entanto, merece ser aprofundada em outro momento, visto que desemboca em uma reflexão epistemológica mais geral.

REFERÊNCIAS

- Leite, R. L., & Saraiva, J. A. B. (2009). O corpo e o observador na discursivização. *Acta Semiotica et Linguística* (ASEL), João Pessoa (PB), ano 33, v. 14, n. 1, p. 127-142.
- Leite, Ricardo Lopes. (2019) A complexidade na hipótese tensiva de Claude Zilberberg. *Estudos Semióticos* (USP), v. 15, p. 27-38.
- Bastide, F. (1986). Aspectualisation. In A. J. Greimas & J. Courtés (Eds.), *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (Vol. 2, pp. 19–20). Hachette.
- Bertrand, D. (2003). Caminhos da semiótica literária. EDUSC.
- Câmara Jr., J. M. (2007). *Dicionário de linguística e gramática: Referente à língua portuguesa*. Vozes.
- Castilho, A. T. de. (1968). *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. FFCL de Marília.
- Fiorin, J. L. (2007). Semiótica das paixões: Ressentimento. *Alfa*, 1, 9–22.
- Fontanille, J. (Ed.). (1991). *Le discours aspectualisé*. John Benjamins Publishing Company.
- Fontanille, J., & Zilberberg, C. (2001). *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Humanitas.
- Gomes, R. S. (2011). Semiótica e ensino: Modalização e leitura do texto. In D. V. Ramos, K. S. Andrade & M. J. de Pinho (Eds.), *Ensino de língua e literatura: Reflexões e perspectivas interdisciplinares*. Mercado de Letras.
- Greimas, A. J., & Courtés, J. (2020). *Dicionário de semiótica* (2ª ed.). Contexto.
- _____. (1986). *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II*. Hachette.
- Greimas, A. J., & Fontanille, J. (1993). *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática.
- Soares, M. A. B. (1987). *A semântica do aspecto verbal em russo e em português*. PROED / Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Tatit, L. (2019). *Passos da semiótica tensiva*. Ateliê Editorial.
- Travaglia, L. C. (1985). *O aspecto verbal: A categoria e sua expressão*. Imprensa Universitária.
- Zilberberg, C. (1981). *Essai sur les modalités tensives*. John Benjamins Publishing Company.

Zilberberg, C. (1986). Aspectualisation. In A. J. Greimas & J. Courtés (Eds.), *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (Vol. 2, pp. 23–24). Hachette.

_____(1991). Aspectualisation et dynamique discursives. In J. Fontanille (Ed.), *Le discours aspectualisé* (pp. 9–22). John Benjamins Publishing Company.

_____(2011). *Elementos de semiótica tensiva*. Ateliê Editorial.

